

MUSEU DA PESSOA

História

A história da minha vida

História de: [SÉRGIO LAMARCA JÚNIOR](#)

Autor:

Publicado em: 11/12/2013

Sinopse

Tudo começou naquele triste dia de Dezembro de 1974. Primeiro de Dezembro de 1974. Como todo domingo em que nosso pai estaria de folga no trabalho, mesmo estando em casa poderia ser chamado, ele foi ao encontro de seus irmãos e amigos para tomar uma cerveja e conversarem. Por volta das 11:00 horas daquele dia meu pai saiu da presença dos amigos, dirigiu-se ao carro estacionado e ao entrar nele debruçou ao volante. Cataldo, um dos irmãos, passando naquele momento ao lado do veículo percebeu meu pai naquela situação. Perguntou o que estava errado e meu pai apenas disse que não era nada. Foi para casa e chegando lá foi aquela festa! Sabem por que? Ele nos levaria ao famoso Lago de Araçoiaba da Serra. Um lago que nós filhos sonhávamos ir para brincar. Mamãe estava fazendo o almoço. Ele pediu à ele que parasse pois iríamos ao lago! Imediatamente fizemos tudo... roupas, bola, refeições e fomos para a festa! Um sonho se realizando! De Sorocaba à Araçoiaba da Serra cerca de 40 minutos de carro na época. Ao chegarmos já colocamos roupa de banho e fomos jogar bola. Meu pai, meu irmão e eu. Eu era o goleiro do time na escola e meu irmão ponta esquerda. Por pouco tempo ficamos ali somente nós três. Chamamos mamãe e nossa irmã e fomos para o lago brincarmos de jogar bola um para o outro. ficamos praticamente na beira do lago onde a água batia em nossas canelas. Eu com 12 anos de idade, meu irmão com 11 e nossa irmã com 10. Aquela bagunça peculiar de crianças felizes!

Tags

- [Diabético](#)
- [cardíaco](#)
- [Angioplastia](#)
- [coração](#)
- [hipertensão](#)
- [diabetes](#)
- [insulina](#)

História completa

Meu nome é Sérgio, tenho 52 anos de idade e resido em Sorocaba há 50 anos. Vou te contar um pouco da minha história... Minha infância foi sensacional até meus 12 anos de idade. Uma vida digna e de paz, harmonia, alegria e muita luta dos meus para criarem três filhos. Estudava, tinha amigos, jogava futebol, andava de bicicleta... eu era um ser normal como todas as crianças daquela época. Meu pai, Sérgio, funcionário público municipal atuando como motorista de uma ambulância da prefeitura de nossa cidade. Trabalhava e muito, levando pacientes para cidades como São Paulo e Campinas. Minha mãe batalhando em um salão de beleza de sua propriedade, em casa mesmo, simples mas com muitas clientes. Ambos lutavam com a vida para nos criar. Somos em três filhos.. Sérgio, Carlos Alberto e Maria Cecília. Hoje tenho 51 anos de idade, Carlos com 50 anos e Maria Cecília com 49 anos de idade.

Tudo começou naquele triste dia de Dezembro de 1974. Primeiro de Dezembro de 1974. Como todo domingo em que nosso pai estaria de folga no trabalho, mesmo estando em casa poderia ser chamado, ele foi ao encontro de seus irmãos e amigos para tomar uma cerveja e conversarem. Por volta das 11:00 horas daquele dia meu pai saiu da presença dos amigos, dirigiu-se ao carro estacionado e ao entrar nele debruçou ao volante. Cataldo, um dos irmãos, passando naquele momento ao lado do veículo percebeu meu pai naquela situação. Perguntou o que estava errado e meu pai apenas disse que não era nada. Foi para casa e chegando lá foi aquela festa! Sabem por que? Ele nos levaria ao famoso Lago de Araçoiaba da Serra. Um lago que nós filhos sonhávamos ir para brincar. Mamãe estava fazendo o almoço. Ele pediu à ele que parasse pois iríamos ao lago! Imediatamente fizemos tudo... roupas, bola, refeições e fomos para a festa! Um sonho se realizando! De Sorocaba à Araçoiaba da Serra cerca de 40 minutos de carro na época. Ao chegarmos já colocamos roupa de banho e fomos jogar bola. Meu pai, meu irmão e eu. Eu era o goleiro do time na escola e meu irmão ponta esquerda. Por pouco tempo ficamos ali somente nós três. Chamamos mamãe e nossa irmã e fomos para o lago brincarmos de jogar bola um para o outro. ficamos praticamente na beira do lago onde a água batia em nossas canelas. Eu com

12 anos de idade, meu irmão com 11 e nossa irmã com 10. Aquela bagunça peculiar de crianças felizes! Em determinado momento, não me recordo quem de nós arremessou a bola para nosso pai. Ele olhou para nós, para nossa mãe, e disse... 'não dá.'. Ele estava passando por um infarto do miocárdio. Seu coração estava morrendo. Ele caiu de costas no lago e não se levantou mais. Pedíamos socorro à todos ali presentes mas ninguém nos atendia. Até que um amigo nosso chegou perto de nós, viu o que estava acontecendo, chamou outros três amigos e tiraram o corpo de meu pai da água. Uma cena que jamais esquecerei até o final de minha vida na terra! Meu pai carregado pelas mãos e pés, já sem vida, passando do nosso lado. Uma cena que me abala até hoje. Isto porque já se passaram 39 anos do acontecido. Esse mesmo amigo pegou nosso carro e nos trouxe de volta para Sorocaba. Ele não conhecia o carro. Era um Mercury, câmbio na mão, e eu o ensinei a mudar as marchas para que ele pudesse dirigir o veículo. Aprendíamos tudo com nosso pai. Jogávamos bola juntos aos sábados. Fomos para a casa do meu tio Cataldo; o mesmo que passou por meu pai e o viu debruçado ao volante. Chegando lá eu entrei no quarto do Cataldo e disse... 'meu pai morreu!'. Imaginem um homem com saúde, trabalhador, praticando futebol, e perdendo a vida tão repentinamente! Essa é a história de meu pai! Deus o levou aos 40 anos de idade! Ainda com muita coisa para fazer aqui na Terra. Criar os filhos que ele amava! Cuidar da esposa que era a vida dele! Um pai rígido mas amigo! Um simples olhar dele para conosco significava que estávamos agindo errado. Não precisava uma palavra sequer! Era a educação na época. Quem nasceu nas décadas de 40 a 60 sabe o que estou dizendo. Mas, voltando... A partir daquele dia tivemos que viver sem ele fisicamente falando, mas seu espírito sempre esteve presente conosco. E ainda está, até hoje. Três anos após isso ter ocorrido, eu já trabalhando em uma agência de veículos usados, comecei a passar mal. Minha saúde não estava nada bem. A cada dia que passava eu perdia peso, estava cansado, bebendo água como se a sede não tivesse fim. Como consequência indo ao toalete o tempo todo. Isso 24 horas por dia. Alzira, minha tia por parte de pai, ligou em casa para falar com minha mãe. Estava preocupada; sonhara com meu pai dizendo para ela me ajudar. Ela ligou para saber o que estava acontecendo e minha mãe contou. Nesse momento ela ligou para o Dr. Pedro, clínico geral, amigo da família, e explico à ele a minha situação. Ele prontamente disse para me levarem ao hospital que ele estava indo para lá nos esperar. Após chegarmos lá, uma breve conversa e ele me falou... 'Sérgio, pega este potinho e vá ali no toalete e faça xixi dentro dele. E me traga aqui. Naquela época era tudo diferente. Os médicos... enfim. A tecnologia mudou tudo hoje. Ele pegou uma fita amarela chamada 'Glicofita' e a mergulhou naquele pote com minha urina. Um minuto depois ele a tirou do pote; a fita totalmente verde. Mais parecia as cor roxa. Nos olhou e disse... 'Sérgio está diabético.' isso em 1977 era algo tão pouco conhecido e principalmente existindo em adolescentes. Era comum em pessoas de mais idade. Dr. Pedro nos informou a respeito de tudo e fui internado para tratamento. Esse homem tão caridoso faleceu em meados de 1987 e a causa mortis foi infarto do miocárdio. Ele não nos cobrou nada pela internação e pelo tratamento; não teríamos como pagar. Aquele era um verdadeiro médico além de um ser humano espetacular! Deus o tenha em suas mãos! Saindo do hospital fomos para casa e uma nova vida começou a partir daquele momento. Não só para mim como para mamãe e meus irmãos. Deixaram de comer doces, refrigerantes e tudo que eu gostava para me ajudarem. Isso sem contar com a preocupação que eles adquiriam por minha causa. Os anos foram passando; eu trabalhando, estudando e seguindo o curso normal da vida que Deus me preparou. Em Dezembro de 1990 me casei com Michele e fomos cuidar de nossas vidas. Em 1991 eu não estava bem. Ela sabia disso. Procurei um médico e lá fomos atrás para eu fazer exames e tentar saber o que estava acontecendo. Isso numa clínica especializada em rins. Para falar a verdade fui até essa clínica porque busquei conhecer um pouco mais sobre o diabetes. Com resultados dos exames em mãos fui passar pela consulta e ouvi do médico que meu rim direito estava prejudicado em 50% na sua função. Medicamentos ou tratamento específico? Não existia! Comecei a tratar com mais rigor meu diabetes e pedindo à Deus que me ajudasse! Seis anos após, em 1997, meu corpo começou a inchar, eu não mais me sentia bem. Hoje existem recursos para quem está com os rins comprometidos. Mas naquele época, em 1991, nada se podia fazer. Mamãe e meu irmão me levaram até a clínica do Dr. Francisco. Eu não conseguia mais dirigir. Chegando lá ouvimos do Dr. Francisco... 'Sérgio perdeu a função renal. Levem-no até o hospital na segunda-feira e começaremos o tratamento da saúde dele com a 'hemodiálise'. Sabem os senhores e senhoras leitores o que significou isso para um homem de apenas 35 anos de idade? Se resume na seguinte frase... 'Uma vida indo embora.' Comecei o tratamento com a hemodiálise naquela mesma segunda-feira. Quatro horas seguidas vivendo ligado a uma máquina que filtrava meu sangue retirando impurezas. Uma pessoa sem função renal não pode ingerir água! Líquido algum! Tem que tomar cuidado com alimentos que também geram água. No meu caso especificamente o uso de açúcares estava fora de cogitação seu consumo. Três dias na semana ligado a uma máquina durante quatro horas. Isso no hospital por três meses! A partir do quarto mês Dr. Francisco conseguiu uma máquina para eu fazer a diálise peritoneal em casa. Uma máquina pequena conectada a um cateter implantado em meu peritônio. Peritônio é uma membrana que envolve nossos órgãos. A falta dos rins ocasiona também acúmulo de água. A diálise peritoneal é para filtrar o sangue também. Mas com um agravante. Essa sonda recebe água da máquina e pelo processo químico filtra o sangue do paciente. Durante dez a doze horas esse processo age no peritônio do paciente. Durante pouco mais de dois anos vivi conectado em máquinas. Perdendo minha saúde cada vez mais. Sujeito a infecções na conexão da máquina ao peritônio. Segundo Dr. Francisco eu bati o 'record' com relação a pacientes que fazem diálise peritoneal! Nunca peguei uma infecção! Abrindo um parênteses para dizer-lhes... 'Deus sempre esteve do meu lado!'. Passados dois anos eu não tinha mais condições de sobreviver. Eu não andava mais, não comia, mal conhecia as pessoas ao meu redor. Foi quando Dr. Francisco me encaminhou para um hospital em São Paulo, na capital. Eu precisava de um doador o mais rápido possível pois minha vida estava 'por um fio'. Doze pessoas da família se prontificaram a me doar um rim. Obviamente que mamãe e meus irmãos também! Mas, dentre os doze nenhum conseguiu por diversos fatores. Divergência de tipo sanguíneo e falta de condições para se tornarem meu doador. E para complicar um pouco mais a história meu sangue é B+, igual ao de meu pai. Mamãe e meus irmãos não puderam fazer nada pela minha vida a não ser pedir à Deus que me deixasse vivo. Olinda, tia por parte de mamãe, sangue B- se prontificou a me doar um de seus rins. Por ser minha tia tivemos que pedir autorização judicial para que a doação pudesse se realizar. Mas um detalhe existia ainda. Segundo exames em Campinas a probabilidade de dar certo o transplante sem a rejeição ocorrer era mínima. Só havia trinta por cento de compatibilidade sanguínea. Foi quando Olinda disse... 'Vamos fazer a cirurgia assim mesmo! Deus vai nos ajudar!'. Cinco meses internado no hospital em São Paulo para fazer o transplante. Como a situação não era fácil... outro motivo pelo qual fui para São Paulo é que, além da imunidade praticamente zero, eu ainda passava por infusão sanguínea a cada dois dias. Alguém que podemos denominar de 'bichinhos famintos' estavam se alimentando de meu sangue. Através de um exame específico, ou seja, um ultrassom que varreu meu corpo todo, foi descoberto uma 'sinusite bacteriana'. Os bichinhos famintos tomavam conta de 90% de meu corpo. Aí começou a segunda parte da batalha. Ninguém sem os rins e com uma pressão arterial 22x18 sobreviveria a uma cirurgia daquele porte. Fui para a cirurgia da sinusite bacteriana por duas vezes mas com a pressão arterial 30x24. Sem chance alguma da cirurgia acontecer. Até que na terceira tentativa, sem eu saber, me colocaram para dormir e aí fui para o centro cirúrgico com a pressão arterial 22x17. A cirurgia da sinusite bacteriana foi um sucesso! Sofri uma hemorragia interna devido a pressão arterial naquela situação. Algo que eu me recordo foi quando disse para um dos médicos ao meu lado no quarto... 'Me ajude!'. Ele estava mais assustado que o paciente. Para descontraí-los os senhores... Parecia um filme de terror!'. Sangue sendo expulso de meu corpo pelos ouvidos, nariz e boca. Passei meu aniversário na U.T.I. daquele hospital para os médicos

tentarem conter a hemorragia e baixar a pressão arterial cada vez maior. Eu completava ali 39 anos de idade, ou seja, dois de Agosto de 2001. Fiquei alguns dias na U.T.I. e voltei para o quarto. Por várias vezes ouvi da médica que iria dirigir meu transplante... 'Ainda não é a hora.' No início de Setembro ele foi me ver no quarto e disse... 'Estou indo para um congresso fora do país. Preciso disso para fazer seu transplante.' Ouvir aquilo foi algo terrível! Eu não aguentava mais aquela situação toda! A médica retornou ao Brasil; novos exames foram feitos tanto em mim quanto na Olinda, minha doadora. Algo que me entristecia muito era ver minha mamãe ali, comigo, cinco meses naquele hospital. Se alimentando como podia. Fazendo lanches numa sanduicheira, lavando roupas no banheiro, e sofrendo vendo seu filho mais velho passar por tudo aquilo. Ela sofreu mais que eu sendo que eu estava quase sem vida. Comecei a fazer hemodiálise logo que internei no hospital. Ao invés de 4 dias na semana fazia isso diariamente. Meu corpo vertia água. Os médicos me perguntavam sem eu beber água do chuveiro. Era algo nada normal. Perde dez quilos de peso por causa de água diariamente na máquina de hemodiálise. Pouco antes do final de Outubro daquele ano, a médica foi me visitar e disse... 'Chegou a hora.' Aquele momento foi algo fantástico para uma pessoa quase sem vida! Era uma luz acendendo no final da vida! Mesmo sabendo que a probabilidade de dar certo era, para os homens, de apenas trinta por cento! Mas, e para Deus? Olinda foi internada para passar por exames e eu fiz os exames também. Dia trinta e um de Outubro de 2001 eu tive a grande oportunidade de viver novamente! Graças à Deus e a Olinda que foi o instrumento da minha salvação! A cirurgia começou as sete horas da manhã e teve seu final as dezessete horas. A médica saiu do centro cirúrgico e ao passar pela porta encontrou com minha família, ansiosos, preocupados com duas vidas lá dentro do centro cirúrgico! A pergunta não deixaria de acontecer à médica... 'Como foi?' E ela... 'Um sucesso! Os dois estão muito bem! O rim enxertado funcionou na hora!' Isso me emociona até hoje em saber que todos ali presentes, familiares e amigos que não estavam ali, vendo o Sérgio partir durante mais de dois anos, estavam sorrindo e chorando de alegria! Deus abençoe a todos por tudo que fizeram por mim! Tenho duas datas de nascimento, ou seja, dois de Agosto de 1962 e trinta e um de Outubro de 2001. Tenho duas mães! Neusa, a biológica, e Olinda que num gesto do mais puro amor arriscou sua vida para me salvar! Neste ano de 2014 completo cinquenta e dois de vida e treze anos de uma nova vida! Agradeço à Deus por ter me deixado aqui pois amo demais a todos e sei que sou amado também! Talvez não seja do conhecimento de ninguém da minha família mas revelo isso agora. Apesar de toda a situação em que eu me encontrava, e sempre confiante em Deus pela minha cura, eu pedia à Ele que me deixasse viver para poder ver minhas quatro sobrinhas crescerem, hoje mulheres lindas, e que as tenho como minhas filhas pelo amor imenso que sinto por elas! E Deus atendeu ao meu apelo! Obrigado Meu Pai! Os senhores e senhoras leitores ao lerem minha história de vida devem ter pensado... 'Sérgio é um homem vencedor!' Sou sim! Mas, ainda falta um pequeno detalhe que vou lhes contar agora. Em Dezembro de 2012, ano que perdi minha mamãe, a maior mulher do mundo, comecei a ter após sua partida dia oito de Março, um cansaço imenso. Não conseguia andar e nem me alimentar pela falta de ar ao tentar respirar. Em Dezembro de 2012, uma semana antes do Natal, passei por um procedimento. Fiz uma 'angioplastia'. Minha coronária direita estava 'entupida' setenta por cento e meu coração com dificuldade para funcionar por ser a coronária a válvula de entrada da corrente sanguínea no coração antes de ser bombeado para o corpo. Um procedimento em centro cirúrgico que demorou cerca de noventa minutos. E sabe como me sinto hoje senhores e senhoras? 'Sou um sobrevivente e sempre lutando pela vida! Deus me deu essa oportunidade e jamais vou desistir dela!' Foi um prazer imenso poder contar minha história de vida, principalmente pelo fato de mostrar à todos que Deus está ao nosso lado, sempre! Acredite e confie Nele! Eu sou a prova viva da sua existência! Fica aqui meu agradecimento ao site 'Museu da Pessoa' pois sem essa iniciativa nada poderia acontecer nesse sentido. Dedico também à todos que fazem parte da minha vida! Principalmente à Dona Neusa, a maior e melhor Mulher do mundo! Dedico também a Olinda, minha segunda mamãe a qual não tenho como agradecer pelo que fez por minha vida! Beijos ao meu irmão e minha irmã, as minhas sobrinhas, familiares e amigos que moram em meu coração! Obrigado senhores e senhoras pela atenção! Fiquem com Deus todos vocês! Deus os abençoe e proteja! Sempre!